

[Arte e América Latina: conexões] – notas do extremo sul: experiências e reflexões na formação de docentes em artes visuais

Isabela Frade

O presente dossiê reúne três trabalhos na área de ensino de arte contemplando os países mais ao sul de nosso continente. Apresentamos aqui os pesquisadores: Maricel Gómez, chilena, e os argentinos Federico Buján, Veronica Dillon e Rafael Deluca. Estão identificados como pesquisadores no campo pela série de encontros organizados pela Rede Latinoamericana de Formação de Professores de Arte, coletivo de pesquisadores, que se vem compondo como enlace desde 2011, a partir de iniciativas brasileiras e argentinas. A qualidade maior que agrega o grupo é o compartilhamento de referências mais próximas, conferindo atenção às notas locais que contemplam as realidades econômicas periféricas, as grandes disparidades sociais e as histórias do colonialismo ainda não ultrapassado.

Atuar pedagogicamente na arte, situando-se nesse contexto, é assumir essas identificações e ousar pensar/agir em diálogo na consideração de um horizonte mundializado no qual o pesquisador traça o contorno estratégico de sua ação político-educacional. Trata-se de extrapolar limites práticos e conceituais no interior deste duplo registro que nos caracteriza: uma modernidade descompassada e uma cultura revestida pelo exotismo. As referências no ensino de arte, desse modo, se dividem em dois grandes canais, fluxos contrários entre conservação e inovação, e que oscilam nas bases dos repertórios históricos europeus e das tradições locais. Poderíamos detectar nesse âmbito as imagens ideais de sujeitos que, extremados, se envolvem no contraponto temporal entre passado e futuro e, a partir das geopolíticas que se derivam dessas referências duais do dentro/fora, afirmando um modo singular de localização: constituem seu marco teórico, na fronteira entre esses dois eixos. Cada qual reclama para si um mundo: um primeiro, demarcado de fora para dentro, quando assume que esta é uma terra a ser continuamente descoberta. O outro, de dentro para fora, que afirma uma tradição coletiva para reclamar profundidade originária, ainda que composta por inúmeras misturas



derivadas; essa terra mestiça na qual se descortina o outro. Simples tipos radicais, ideais, configuram extremos que não se atualizam, mas balizam as expectativas quanto a formas de atuação engajada.

Na afirmação praticada aqui se aspira a outro postulado de reconhecimento, menos reativo e mais afirmativo; cujo desejo é instigar e compor movimentos singulares. Os sempre novos recursos tecnológicos, por sua vez, atuam com intensidade no sentido da transformação dos padrões consolidados e se compõem como desafio ao educador. Refletem-se na constituição de estranhas espacialidades e de múltiplas temporalidades, mesmo quando a eles se resiste.

A obra de Gómez se apresenta como crítica de fundo, ao revisar os contornos atuais da educação em arte – atingindo especialmente os que se declaram pela via afirmadora dos modos de poder das visualidades. Indaga sobre a dominância do olhar no complexo sensorial ocidental, considerando o aporte político na crítica a essa hegemonia. Pensar o corpo e sua presença traz o desafio ao presente domínio perceptual posto que ele instaura o sentido de uma potência modeladora. Esse trabalho traz a mirada para as zonas de obscuridade no próprio campo epistêmico da arte/educação: a mediação e a educação do olhar que, sob essa perspectiva, podem mostrar-se práticas servis e disciplinares. O conhecimento adquirido, segundo a tomada crítica sobre as hierarquias perceptivas, resulta em um sentido desconexo, conservador e alienante.

Bujan, a sua vez, constitui um diagnóstico sobre os novos dispositivos nos ambientes das tecnologias digitais aplicadas à educação em arte. Lança luz, assim, também a uma zona ainda não identificada: seu pensamento segue para além dos parâmetros instrumentais, atingindo o sentido do que é vivido, pelo que se destaca das performances maquinais. O recorte entre espaços de atuação docente e de uso efetivo dos dispositivos digitais como extensão do próprio aprendizado é um desafio a ser cumprido para a educação artística em nosso continente. Exige intimidade suficiente para a abertura também ao lúdico e ao relacional.

Dillon e Deluca integram uma dupla em exercício transdisciplinar em que abordam casos-limite: a delinquência e as fragilidades de jovens e crianças em situação de risco social. Afirmam novos paradigmas no entendimento dessas situações e buscam ultrapassar as referências aos sistemas convencionais que os desconsideram. Visam atuar demarcando suas identidades culturais e geográficas, traduzindo essa pertinência pessoal

dos exercícios criativos ao reclamo do estatuto cidadão e jurídico, na construção de novas subjetividades plenas e de invenção de caminhos para a conquista desse reconhecimento dos sujeitos como plenos de direitos.

Reunir os autores nessa unidade nos leva a rever o emblema ideológico do localismo latino-americano. Busco, com isso, atender à urgência de traçar linhas de força para a construção de novas formas de liberdade. No encontro provocado de uma associação tácita, creio que esses autores podem estimular, com vigor, o desafio contemporâneo de uma comunicação da arte em estado de vivacidade, integridade e equidade. O que mais nos haveriam de dizer desde o extremo sul?